

“Uma leitura rápida e sinistra.”


– KARIN SLAUGHTER

# TODAS AS COISAS PERIGOSAS



STACY  
WILLINGHAM

Autora de *UMA CENTELHA NA ESCURIDÃO*, best-seller do *The New York Times*

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# TODAS AS COISAS PERIGOSAS

STACY  
WILLINGHAM

*Tradução*  
Débora Isidoro



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Stacy Willingham, 2023  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025  
Copyright de tradução © Débora Isidoro, 2024  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *All the dangerous things*

*Preparação:* Marcela Prada Neublum  
*Revisão:* Barbara Parente e Edgar Costa Silva  
*Projeto gráfico e diagramação:* Márcia Matos  
*Capa:* Angelo Bottino  
*Imagem de capa:* fergregory/Adobe Stock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação(CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Willingham, Stacy

Todas as coisas perigosas / Stacy Willingham ; tradução de Débora Isidoro. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

336 p.

ISBN 978-85-422-3634-7

Título original: *All the dangerous things*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Isidoro, Débora

25-1213

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável de florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo/SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

**Acreditamos  
nos livros**

Este livro foi composto  
em FreightText Pro e  
impresso pela Lis Gráfica  
para a Editora Planeta do  
Brasil em maio de 2025.

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO: VENDA REIBIDA

# CAPÍTULO

## UM

---

AGORA

— Isabelle, você entra no ar em cinco.

Minhas pupilas estão cravadas em um ponto do tapete. Um ponto sem importância, na verdade, mas que meus olhos parecem gostar. O ambiente ao meu redor perde o foco à medida que o ponto – *meu* ponto – fica mais nítido, mais claro. É como visão de túnel.

— Isabelle.

Queria ter essa visão de túnel o tempo inteiro: a habilidade de focar em uma única coisa de cada vez. Deixar todo o resto em segundo plano. Ruído branco.

— Isabelle.

*Tec, tec.*

Agora há uma mão diante do meu rosto, acenando. Dedos estalando. Isso me faz piscar.

— Terra chamando Isabelle.

— Desculpa. — Balanço a cabeça, como se esse movimento pudesse de alguma forma dissipar a névoa, como limpadores de para-brisa afastando a água da chuva. Pisco mais algumas vezes antes de procurar o ponto novamente, mas ele já se foi. Desapareceu. Derreteu no tapete, voltou para o esquecimento, do mesmo modo como eu gostaria de fazer. — Desculpa, sim. Em cinco.

Espreguiço-me, levantando o braço, e bebo um gole de café do copo térmico descartável – café preto, forte, em um copo que faz barulho quando meus lábios rachados grudam na borda. Eu costumava apreciar o gosto dessa primeira xícara de café matinal. Adorava o cheiro que se espalhava pela cozinha; o calor da caneca entre meus dedos, frios e rígidos do tempo que havia passado na varanda dos fundos, vendo o sol nascer enquanto o orvalho da manhã salpicava minha pele.

Mas não era do café que eu precisava, sei disso agora. Era da rotina, da familiaridade. Conforto instantâneo, como aqueles macarrões desidratados que mergulhamos na água antes de enfiar no micro-ondas e chamamos de refeição. Mas não me importo mais com isso: conforto, rotina. Conforto é um luxo que não tenho mais, e rotina... bem. Também não tenho isso há muito tempo.

Agora só preciso da cafeína. Preciso me manter acordada.

— No ar, em dois.

Olho para o homem parado diante de mim, a prancheta apoiada no quadril. Aceno com a cabeça, engulo o resto do café e saboreio o amargo no fundo da língua. Tem um gosto horrível, mas não me importo. Está fazendo efeito. Enfio a mão na bolsa e pego um frasco de colírio – alívio para a vermelhidão – e pingo três gotas em cada olho com a precisão de um especialista. Acho que essa é minha rotina agora. Então, me levanto, passo as mãos na parte da frente da calça e bato nas coxas, sinalizando que estou pronta.

— Vem comigo.

Estendo o braço, sugerindo que o homem mostre o caminho. E o sigo. Passo pela porta e ando atrás dele por um corredor meio escuro, as lâmpadas fluorescentes zumbindo em meus ouvidos como uma cadeira elétrica sendo ligada. Eu o sigo até outra porta, de onde o barulho suave dos aplausos irrompe assim que ela é aberta, e entramos. Eu o ultrapasso e paro na beira do palco, atrás de uma cortina preta, de onde mal consigo ver a plateia.

Essa é grande. A maior que já enfrentei.

Olho para minhas mãos, onde costumavam estar as fichas com os principais tópicos do discurso anotados a lápis. Uma lista com

breves instruções para lembrar o que dizer, o que não dizer. Uma forma de organizar a história como se eu estivesse seguindo uma receita, com capricho e todo o cuidado, polvilhando os detalhes na medida certa. Mas não preciso mais delas. Já fiz isso muitas vezes.

Além do mais, não há nada novo a dizer.

— *E agora, vamos trazer a pessoa que todos vocês estão aqui para ver.*

Observo o homem falando no palco, a três metros de distância, sua voz ressoando pelos alto-falantes. Parece estar em todos os lugares – na minha frente, atrás de mim. Dentro de mim, de algum jeito. Em algum lugar no fundo do meu peito. A plateia aplaude de novo, e eu pigarreio, lembrando a mim mesma por que estou aqui.

— *Senhoras e senhores da TrueCrimeCon, é uma honra apresentar a vocês nossa principal palestrante... Isabelle Drake!*

Dou um passo em direção à luz, caminhando com determinação até o anfitrião, que acena me chamando para o palco. A plateia continua a gritar, alguns em pé, aplaudindo, apontando a câmera dos celulares para mim e me acompanhando com interesse. Eu me viro para aquelas pessoas, estreitando os olhos para tentar ver suas silhuetas. Meus olhos se adaptam um pouco, e eu aceno, esboçando um sorriso fraco antes de parar no centro do palco.

O anfitrião me entrega um microfone, e eu o pego, acenando com a cabeça.

— Obrigada — digo, minha voz soando como um eco. — Obrigada a todos por terem vindo neste fim de semana. Que grupo incrível de palestrantes.

A plateia irrompe em aplausos de novo, e aproveito esses segundos livres para estudar aquele mar de rostos, como sempre faço. São mulheres, principalmente. São sempre mulheres. Mulheres mais velhas em grupos de cinco ou dez, cumprindo essa tradição anual – a possibilidade de se afastar da própria vida e de suas responsabilidades para mergulhar em fantasia. Mulheres mais jovens, com vinte e poucos anos, parecendo agitadas e um pouco constrangidas como se tivessem sido flagradas vendo pornografia. Mas há homens também. Maridos e namorados que foram arrastados

contra a própria vontade; indivíduos do tipo que usam óculos de armação de metal e têm uma barbinha rala, com cotovelos salientes que se projetam desajeitadamente dos braços como galhos nodosos de árvores. Há também os solitários nos cantos, aqueles cujo olhar se demora apenas o suficiente para causar desconforto, e os policiais patrulhando os corredores, tentando disfarçar bocejos.

E então reparo nas roupas.

Uma garota usa uma camiseta com a frase *Red Wine and True Crime*<sup>1</sup>, com o T em forma de arma; outra veste uma camiseta branca salpicada de vermelho – com a intenção de imitar respingos de sangue, imagino. Vejo uma mulher com uma camiseta que diz *Bundy. Dahmer. Gacy. Berkowitz*. Eu me lembro de ter passado por essa blusa mais cedo na loja de presentes. Estava bem justa em um manequim, exposta como aquelas camisetas caríssimas vendidas em shows, recordações para fãs fanáticos.

Experimento a sensação familiar da bile subindo à garganta, morna e ácida, e me obrigo a desviar o olhar.

— Como tenho certeza de que todos sabem, meu nome é Isabelle Drake, e meu filho, Mason, foi sequestrado há um ano — digo. — O caso continua sem solução.

Cadeiras rangem; gargantas pigarreiam. Uma mulher pequenina na primeira fileira balança a cabeça com lágrimas nos olhos. Ela está adorando tudo isso, eu sei que está. É como se estivesse assistindo ao seu filme favorito, comendo pipoca distraidamente enquanto move os lábios com suavidade, recitando cada palavra. Ela já ouviu minha palestra antes; sabe o que aconteceu. Sabe, mas ainda não está satisfeita. Nenhum deles está. Os assassinos nas camisetas são os vilões; os homens de uniforme preto são os heróis. Mason é a vítima... e não sei onde eu fico nisso tudo.

A sobrevivente solitária, talvez. A que tem uma história para contar.

---

<sup>1</sup> Vinho tinto e crimes reais.

# CAPÍTULO

## DOIS

Eu me acomodo na poltrona. Assento do corredor. Em geral, prefiro a janela. Algo em que me apoiar e fechar os olhos. Não exatamente para dormir. Mas para desligar um pouco. *Microssono*, é assim que meu médico chama esse episódio. Todos nós já vimos isso, ainda mais em aviões: as pálpebras tremendo, a cabeça balançando. De dois a vinte segundos de inconsciência antes de o pescoço estalar de volta com uma força espantosa, como o engatilhar de uma arma prestes a disparar.

Olho para o assento à minha direita: vazio. Espero que continue assim. A decolagem está prevista para daqui a vinte minutos; o embarque está prestes a fechar. E, quando isso acontecer, vou poder mudar de lugar. Vou poder fechar os olhos.

Vou poder tentar, como tenho tentado no último ano, descansar um pouco.

— Com licença.

Sobressaltada, olho para a comissária de bordo à minha frente. Ela está apontando para o encosto da minha poltrona com ar de desaprovação.

— Por favor, o encosto precisa estar na vertical, travado.

Olho para baixo, aperto o pequeno botão prateado no braço da poltrona e sinto minhas costas se inclinarem para a frente em

ângulo reto. Minha barriga faz uma dobra. A comissária começa a se afastar, fechando os compartimentos de bagagem de mão ao seu alcance, quando estico o braço para segurá-la.

— Será que você pode me trazer uma água com gás?

— Vamos dar início ao serviço de bordo logo depois da decolagem.

— Por favor — insisto, segurando seu braço com mais força conforme tenta se afastar. — Se não for muito incômodo. Passei o dia todo falando.

Coloco a mão em minha garganta para dar ênfase à declaração, e ela olha para o corredor, os passageiros se contorcendo nas poltronas, ajustando os cintos de segurança, procurando fones de ouvido na mochila.

— Muito bem — concorda, com os lábios apertados. — Só um momento.

Sorrio, aceno com a cabeça e me recosto na poltrona antes de observar os outros passageiros ao redor, pessoas com quem vou compartilhar o ar-condicionado pelas próximas quatro horas entre Los Angeles e Atlanta. É um jogo que faço, tentando imaginar o que eles estão fazendo aqui. Que circunstâncias da vida os trouxeram a esse exato momento, com esse exato grupo de desconhecidos. Tento imaginar o que têm feito, ou o que planejam fazer.

Estão indo para algum lugar, ou estão voltando para casa?

Meu olhar pousa primeiro em uma criança sozinha, sentada com enormes fones de ouvido cobrindo as orelhas. Imagino que seja filho de pais separados, passando um fim de semana por mês sendo transportado de um lado para o outro do país como carga. Começo a imaginar que aparência Mason teria nessa idade – como seus olhos verdes poderiam ter se tornado ainda mais verdes, duas esmeraldas gêmeas cintilando como os olhos do pai dele, ou como sua pele macia de bebê poderia ter adquirido o tom moreno da minha, um bronzeado natural que não requer exposição ao sol.

Engulo em seco e me forço a desviar o olhar, virando para a esquerda e observando os outros passageiros.

Homens mais velhos distraídos com notebooks e mulheres com livros; adolescentes no celular, largados em seus assentos, os joelhos desajeitados batendo no encosto das poltronas da frente. Algumas dessas pessoas estão a caminho de casamentos ou funerais; outras estão embarcando em viagens de trabalho ou escapadas clandestinas pagas em dinheiro vivo. E algumas delas têm segredos. Todas têm, na verdade. Mas algumas têm segredos de verdade, daqueles complicados. Sombrios, profundos, tenebrosos, que se escondem sob a pele, circulando pelas veias e se espalhando como uma doença.

Eles se dividem, se multiplicam, depois se dividem de novo.

Tento imaginar quem são: aquelas que têm os segredos que tocam todos os órgãos e os apodrecem. O tipo de segredo que devora a criatura viva, de dentro para fora.

Ninguém aqui poderia imaginar como passei *meu* dia: reconhecendo o momento mais doloroso da minha vida para o entretenimento de estranhos. Agora faço palestra. Uma palestra que recito com absoluto distanciamento, projetada do jeito certo. Frases de efeito que sei que vão soar bem quando saírem da minha boca e forem impressas nos jornais, e silêncios calculados quando quero que um ponto específico seja absorvido. Lembranças carinhosas de Mason para quebrar a tensão de uma cena, quando sinto a necessidade de um alívio cômico. Quando me aprofundo em seu desaparecimento – a janela aberta que descobri no quarto dele, por onde entrava uma brisa morna, úmida; o móvel sobre a cama, com pequenos dinossauros de pelúcia dançando ao vento – eu paro, engulo em seco. Depois conto a história sobre como Mason havia acabado de começar a falar. Como ele pronunciava “tiranossauro” em vez de “tiranossauo” e como cada vez que apontava para as criaturinhas penduradas sobre sua cama, meu marido fazia uns roncões exagerados, provocando ataques de riso que duravam até Mason pegar no sono. E então a plateia se permite sorrir, talvez até rir. Há um alívio visível na postura dos ombros, o corpo se acomodando mais uma vez na cadeira, como se todos soltassem ao mesmo tempo o ar preso no peito. Porque é isso o que acontece com a plateia,

algo que aprendi há muito tempo: eles não querem ficar  *muito* desconfortáveis. Não querem realmente viver o que tenho vivido, cada momento desagradável. Só querem um gostinho. O suficiente para matar a curiosidade, mas, caso fique amargo, salgado ou real demais, torcem o nariz e vão embora insatisfeitos.

E não é isso que queremos.

A verdade é que as pessoas amam violência – de longe, claro. Qualquer um que discordar está em negação ou está escondendo algo.

— Sua água com gás.

Levanto a cabeça e vejo a comissária de bordo com o braço estendido. Segura um copinho com um líquido transparente cheio de bolhinhas, que sobem à superfície com um chiado satisfatório.

— Obrigada — digo, e pego o copo para colocar no meu colo.

— Você precisa manter a bandeja fechada — acrescenta. — Vamos decolar em breve.

Sorrio e bebo um gole de água para indicar que entendi. Quando se afasta, me inclino, enfio a mão na bolsa e tateio até encontrar um frasquinho encaixado em um compartimento lateral. Enquanto tento remover a tampa discretamente, sinto uma presença ao meu lado, bem perto.

— É o meu lugar.

Levanto a cabeça de repente, quase esperando ver algum conhecido. Há uma familiaridade nessa voz, um tom vago, como o de um conhecido casual, mas quando olho para o homem parado no corredor, vejo um estranho com uma sacola da TrueCrimeCon pendurada no braço enquanto a outra mão aponta para o assento ao meu lado.

O da janela.

Ele vê o frasco na minha mão e sorri.

— Não vou contar para ninguém.

— Obrigada. — Eu me levanto para deixar o homem passar.

Tento não fazer cara feia diante da perspectiva de voltar para casa ao lado de alguém que esteve na conferência – é complicado, na verdade, a forma como me sinto em relação aos fãs. Odeio todos, mas preciso deles. São um mal necessário: seus olhos, seus

ouvidos. Sua atenção total. Porque quando o resto do mundo esquece, eles lembram. Continuam lendo cada artigo, discutindo teorias em fóruns de investigação amadora, como se minha vida não fosse mais que um quebra-cabeça a ser solucionado. Ainda se enroscam no sofá de casa, à noite, com uma taça de Merlot, e se perdem na monotonia reconfortante de Dateline, o programa de TV. Tentando viver tudo isso sem *de fato* viver tudo isso. E é por essa razão que eventos como a TrueCrimeCon existem. Por que as pessoas gastam centenas de dólares em passagens aéreas, quartos de hotel e ingressos para a conferência: por um espaço seguro onde podem desfrutar do brilho sangrento da violência por alguns dias, usando o assassinato de outra pessoa como meio de entretenimento.

Mas o que eles não entendem, o que *não conseguem* entender, é que um dia podem acordar e descobrir a violência rastejando através da tela da televisão, agarrando-se a suas casas, a suas vidas, como um parasita cravando as presas. Penetrando mais fundo, ficando à vontade. Sugando o sangue de seus corpos e os “chamando de casa”.

As pessoas nunca acham que isso pode acontecer com elas.

O homem passa por mim e se acomoda na poltrona, empurrando a bolsa para baixo da cadeira da frente. Quando me sento de novo, continuo de onde parei: o estalo baixo da tampa destravando, o ruído da vodca caindo no copo de água. Mexo a bebida com o dedo antes de beber um gole generoso.

— Vi sua palestra.

Sinto o olhar do meu vizinho de assento. Tento ignorá-lo, fecho os olhos e apoio a cabeça no encosto. Espero a vodca dar às minhas pálpebras o peso suficiente para que permaneçam fechadas por um tempinho.

— Sinto muito — acrescenta.

— Obrigada — respondo, os olhos ainda fechados. Mesmo que não consiga dormir de verdade, posso agir como se estivesse.

— Mas você é boa — continua. Sinto seu hálito na minha bochecha, o cheiro do chiclete de hortelã espremido entre os dentes molares. — Conta a história muito bem, quero dizer.

— Não é uma história — explico. — É minha vida.

Ele fica em silêncio por um tempo, e acho que consegui. Em geral, tento não causar desconforto – procuro ser elegante, fazer o papel da mãe enlutada. Trocar apertos de mão e acenar com a cabeça, exibindo um sorriso grato que apago assim que me afasto, como se retirasse o batom. Mas agora não estou na conferência. Acabou, estou farta. Vou para casa. Não quero mais falar sobre isso.

Ouçõ o interfone acima de nós, um eco áspero.

— *Atenção, tripulação, portas em automático.*

— Meu nome é Waylon — o homem diz, e sinto seu braço sendo projetado em minha direção. — Waylon Spencer. Tenho um podcast...

Abro os olhos e viro a cabeça na direção dele. Eu deveria saber. A voz familiar. A gola em V da camiseta justa, o jeans de lavagem escura. Ele não tem a aparência de um participante comum, com aquele cabelo brilhante raspado em degradê na nuca. Para ele, assassinato não é entretenimento; é negócio.

Não sei o que é pior.

— Waylon — repito. Olho para a mão estendida, para o rosto cheio de expectativas. Depois volto meu olhar para a frente e fecho os olhos outra vez. — Não quero parecer grossa, *Waylon*, mas não estou interessada.

— Estamos ganhando engajamento — insiste. — Está em quinto lugar na loja de aplicativos.

— Bom para você.

— Até resolvemos um caso que estava arquivado.

Não sei se é o movimento repentino do avião – um solavanco suave que faz meu estômago revirar, minhas pernas pressionarem o assento enquanto chacoalhamos pela pista, esta imensa caixa de metal em que estamos todos trancados se movendo cada vez mais depressa fazendo meus tímpanos expandirem – ou se são as palavras dele que de repente me causam desconforto.

Respiro fundo, enterrando as unhas nos braços da poltrona.

— Não gosta de voar?

— Dá para parar? — reajo, e olho para ele. Vejo o homem arquear as sobrancelhas, surpreso com minha indelicadeza.

— Desculpe — diz, parecendo envergonhado. — É que... pensei que pudesse se interessar. Em contar essa história. *Sua* história. No programa.

— Obrigada. — Tento suavizar o tom. Nós dois nos inclinamos para trás quando o avião começa a subir, o assoalho tremendo de forma violenta sob nossos pés. — Mas não.

— Tudo bem. — Ele pega a carteira no bolso. Observo enquanto abre o compartimento de couro desbotado, pega um cartão e o coloca sobre minha perna com toda delicadeza. — Caso mude de ideia.

Fecho os olhos de novo, deixando o cartão intocado sobre meu joelho. Estamos no ar, rasgando nuvens carregadas de água, e um raio de sol às vezes encontra uma brecha na persiana meio fechada e projeta luz nos meus olhos.

— Só pensei que fosse esse o motivo de fazer tudo isso — acrescenta, em voz baixa. Tento ignorá-lo, mas a curiosidade é mais forte que eu. Não consigo.

— Fazer o quê?

— Você sabe, suas palestras. Não deve ser fácil reviver tudo tantas vezes. Mas você tem que fazer isso, se quiser manter o caso vivo. Se quer que seja solucionado.

Fecho os olhos com mais força, me concentrando nas teias de veias finas e avermelhadas que consigo ver em minhas pálpebras.

— Mas em um podcast você não teria que falar com todas aquelas pessoas. Não diretamente, pelo menos. Só teria que falar comigo.

Engulo, balançando a cabeça de leve para indicar que ouvi tudo, mas que a conversa está encerrada.

— Enfim, pense nisso — acrescenta, reclinando o encosto.

Ouçó o farfalhar do jeans enquanto tenta se acomodar melhor, e sei que, em poucos minutos, vai fazer com facilidade o que não sou capaz há um ano. Espio por um olho entreaberto. Ele enfiou os fones sem fio nas orelhas, e consigo ouvir o pulsar constante do grave. Então vejo seu corpo se transformar, da mesma maneira de

sempre, previsível, mas ainda assim tão estranha para mim: a respiração vai ficando mais profunda, mais regular. Os dedos começam a sofrer leves espasmos, o lábio inferior cai como uma porta de armário com a dobradiça frouxa, uma gota de saliva pendurada em um canto da boca. Cinco minutos depois, um ronco suave emerge da garganta, e sinto uma dor na mandíbula ao cerrar os dentes.

Depois fecho os olhos, imaginando por um breve instante como deve ser isso.

